



Alejandro Arnutti

Portfólio

JUL/2026

mini bio

Alejandro Arnutti (1981), nascido em Artigas-Uruguai, vive e trabalha em Uruguaiana-RS. Desde a infância, realizava desenhos in loco da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou ao lado da família até a juventude. Em seguida, dedicou-se à pintura e à escultura e iniciou viagens por recantos rurais do interior do Pampa do RS, Uruguai e Argentina.

Sua produção aborda a cultura local e o cotidiano do trabalhador campesino e evidencia como essas estâncias familiares são decisivas para preservar a biodiversidade do bioma Pampa (o mais devastado do país), bem como a cultura e as tradições do RS, oriundas da miscigenação entre o índio Charrua e o

colonizador ibérico (também tema de sua pesquisa).

Possui obras em acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RS e Quaraí/RS, e das Câmaras de Vereadores de Uruguaiana/RS e Piracicaba/SP, além de coleções particulares na Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em salões e editais relevantes, como o “Encuentros del Arte Contemporáneo”, em Punta del Este/Uruguai, o prêmio “Trajetórias Culturais”, do Instituto Trocando Ideia (Porto Alegre/RS), e, em 2025, recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Nasci, cresci e ainda vivo no Pampa. Por vezes morei do lado uruguaio (desde a infância), e outras do lado brasileiro (radicado até hoje). Muito viajei por diferentes cidades do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. E por conhecer de perto quase toda a extensão territorial deste bioma foi que sempre me interessei pela sua cultura e suas rupturas históricas.

A mais de dez milênios os Charrua e outras etnias chegavam, vindos da Patagonia, para dominar essas terras, vivendo como nômades caçadores-coletores. A chegada do colonizador ibérico trouxe a estas terras o cavalo e o gado, que se procriaram livremente; e o Charrua se transformou em um exímio cavaleiro, com habilidades únicas, e da miscigenação deste com o colonizador surge o Gaúcho.

Os sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) foram gradualmente tomando posse das terras antes ocupadas apenas pelos indígenas. Mas encontraram a resistência principalmente dos Charrua, o único povo nativo da região a nunca ter aceitado essa “domesticação” religiosa, cultural e territorial do colonizador, e por consequência sucessivamente foram caçados e mortos. Como resposta eles praticavam os “malones”: ataques surpresa, bem orquestrados, com a finalidade de matar inimigos, roubar seu gado e suas esposas brancas, e tudo mais que conseguissem carregar.

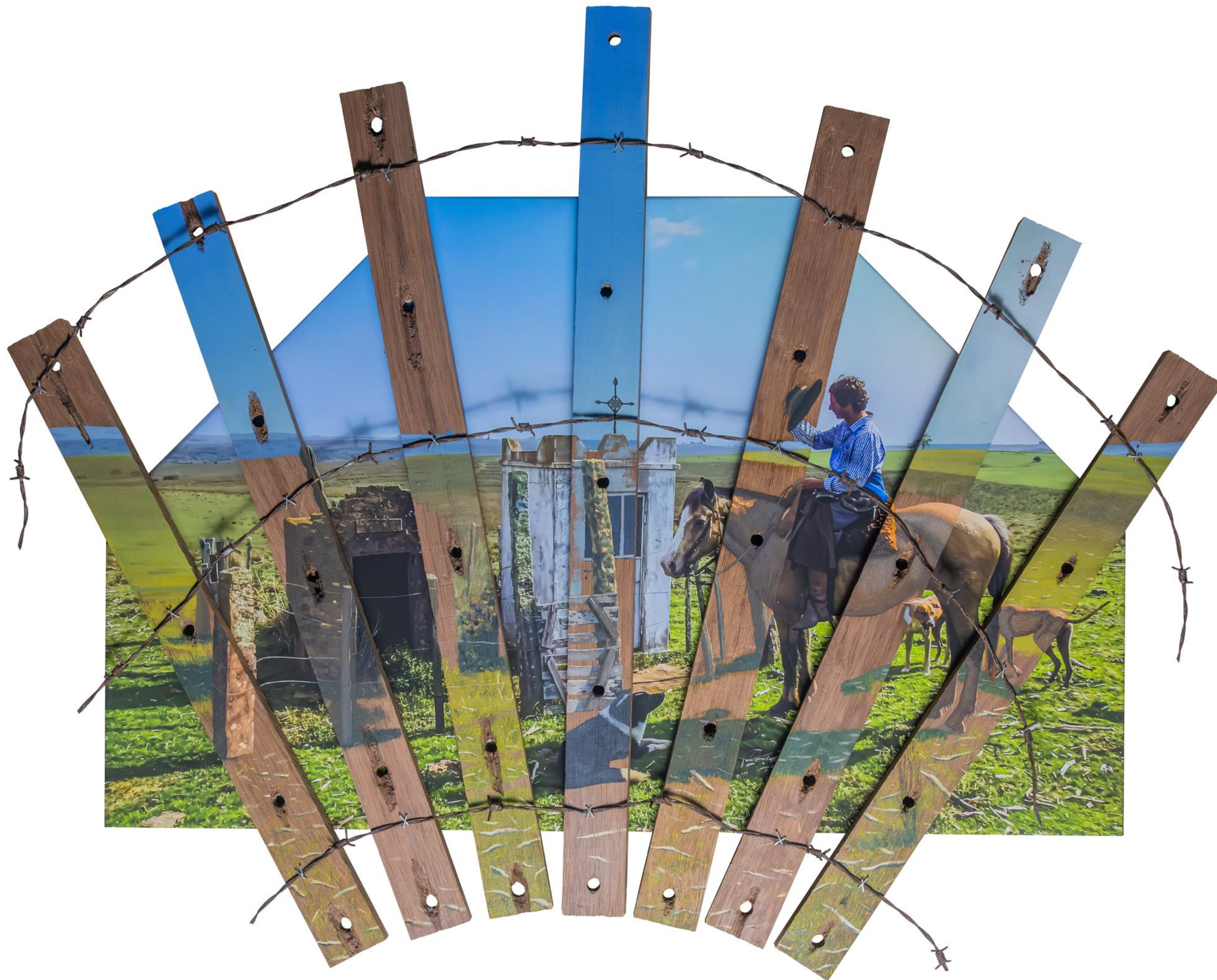
Com o tempo e a implantação das cercas de arame farpado, que impediam a livre circulação no Pampa, os gaúchos, que antes tinham uma vida semelhante à do Charrua, se vem obrigados

a passar a trabalhar para os sesmeiros para assim continuar vivendo no campo, e com isso passam a ser chamados de “paisanos”.

Porém hoje os peões das estâncias isoladas nos interiores do Pampa são o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas localidades que eu busco visitar periodicamente para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outros estados, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.



Alejandro Arnutti
Entre a Tesoura e o Latido Amigo
2026
[série *Os últimos gaúchos*]
Assemblagem: impressão em Fine
Art sobre tela, pedaços de madeira
parcialmente pintados com tinta a
óleo e arame farpado.
65x82x4,5 cm



Alejandro Arnutti
Romaria de Um Só Chapéu
2025
[série *Os últimos gaúchos*]
Assemblagem (impressão em Fine
Art sobre tela, pedaços de madeira
de cerca parcialmente pintados com
tinta a óleo, arame farpado)
73x93x4,5 cm



Alejandro Arnutti
Ofício na Mão, Causo na Boca
2025
[série *Os últimos gaúchos*]
Assemblagem (impressão em Fine
Art sobre tela, pedaços de madeira
de cerca parcialmente pintados com
tinta a óleo, arame farpado)
67x85x4,5 cm

Depoimento sobre a série “os últimos gaúchos”

O advento das cercas de arame farpado no Pampa marca uma ruptura histórica. Antes, os Charrua e outras etnias ocupavam esse território há mais de dez milênios, como nômades caçadores-coletores. O gaúcho nasce da miscigenação entre estes com o colonizador ibérico, e por muito tempo leva modo de vida próximo ao dos Charrua. Com a chegada dos sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) e, depois, com a generalização das cercas de arame, consolida-se o extermínio dos Charrua, que recusavam a “domesticação” e os limites impostos, sendo gradualmente caçados e mortos; ao mesmo tempo, o gaúcho é convertido em funcionário das estâncias, rebatizado como “paisano”.

Os peões de estância são hoje o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas estâncias isoladas que Alejandro retorna para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outras regiões, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

Ainda assim, o Pampa perdeu mais de 3,3 milhões de hectares de vegetação nativa apenas no RS, nos últimos quarenta anos. Cerca de 35% de sua área foi convertida em monoculturas, sobretudo soja e eucalipto. Hoje, é o bioma mais devastado do Brasil, com estimativas de desaparecimento por volta de 2043. Essas monoculturas reduzem, ou mesmo extinguem, espécies — como o gato-palheiro, felino mais ameaçado do mundo, restrito ao Pampa — e comprometem serviços ecossistêmicos essenciais, como o controle da erosão e a regulação do ciclo da água, diminuindo drasticamente a infiltração hídrica do solo.

Diante desse contexto, essa obra da série “O Pampa Costurado com Arame Farpado” nasce do registro dessas estâncias ecologicamente sustentáveis, onde a agropecuária segue tradições locais que articulam produção, preservação do bioma e responsabilidade com as gerações futuras, resgatando o cotidiano de um ecossistema antes equilibrado.

Nas obras desta série a pintura a óleo sobre a madeira não recompõe integralmente a fotografia subjacente. A cerca de arame farpado é, aqui, símbolo de controle (decide o que passa ou não) e a pintura se insurge contra esse limite. Apenas fragmentos da imagem conseguem “ultrapassar” a barreira e chegar à frente da madeira, enquanto as cores e texturas do próprio poste permanecem visíveis e atuam como parte ativa da composição.

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

Elso, retratado na obra, é um dos raros descendentes Charrua ainda vivos no sul do Brasil e um dos últimos com domínio parcial de sua língua — herança de um território que já lhes pertenceu em todo o Pampa.

O retrato transforma seu corpo em mundo: um território vivo onde história e memória se movem. No braço direito, a cavalaria imperial avança em espiral, deixando cercas que marcam a expropriação das terras indígenas. No abdômen, um “malón” irrompe — guerreiros deitados sobre os cavalos, lanças rente ao chão, em defesa do próprio chão.

A obra é emoldurada por arames farpados de antigas estâncias. Enferrujados pelo tempo, carregam a memória de um limite imposto: o que antes restringia a liberdade dos Charrua agora confina sua existência ao espaço da tela.

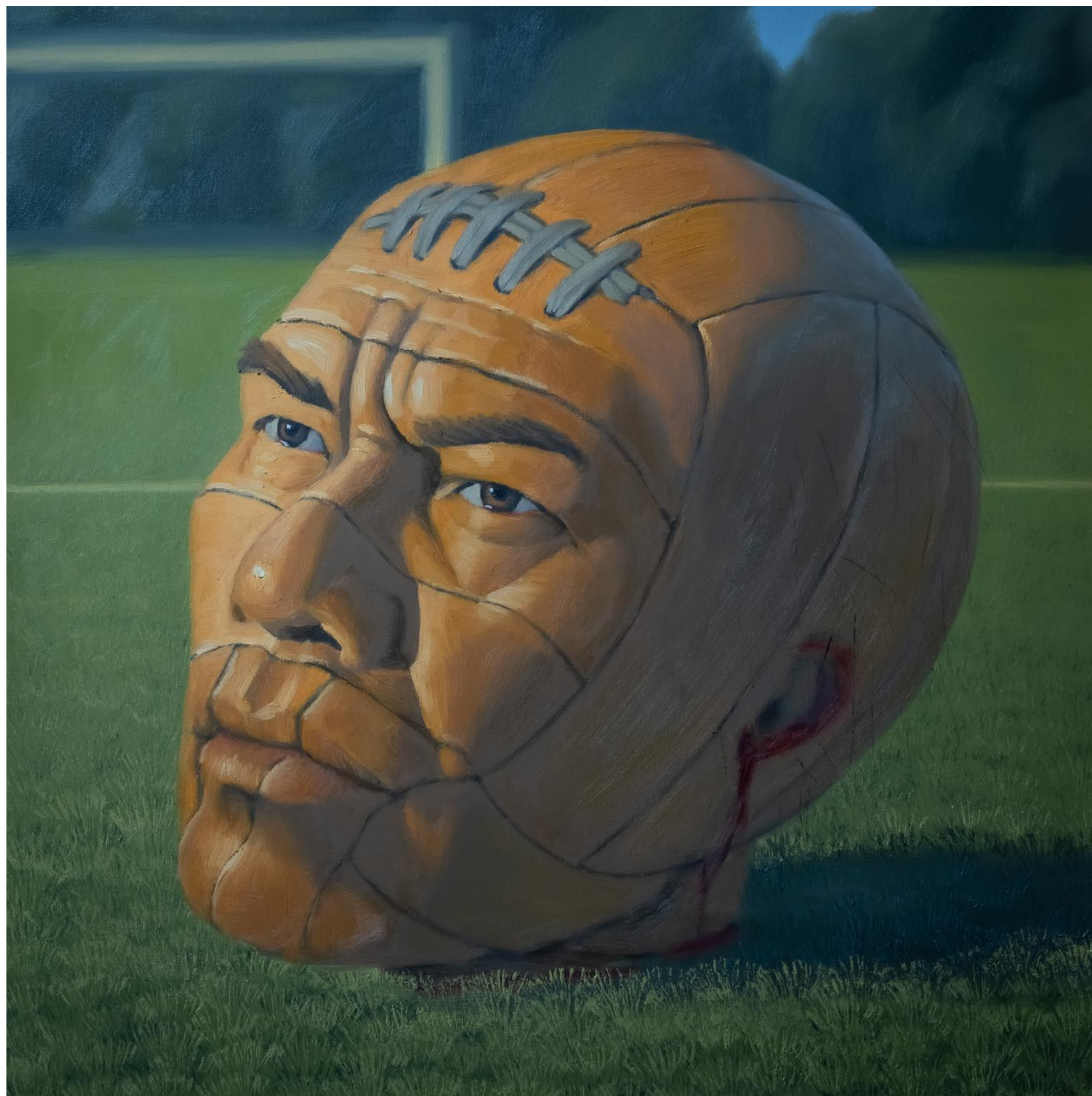


Alejandro Arnutti

um Charrua ainda vivo, 2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Assemblagem (óleo sobre tela e arame farpado), 130 x 90 cm



Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

Adriano da Silva, retratado na obra, é cacique de uma das raras comunidades Charrua ainda presentes em Uruguaiana (RS). Sua figura aparece decapitada e com a orelha decepada — destino imposto a muitos de seus antepassados — e assume a forma de uma bola da Copa de 1930.

A imagem dialoga com o mito da “garra Charrua”, frequentemente evocada para explicar a força histórica do futebol uruguaio, país onde essa herança é celebrada, embora seus descendentes quase não existam mais. No início do século XIX, o governo uruguaio, sob Fructuoso Rivera, promoveu o extermínio desse povo no episódio conhecido como Massacre de Salsipuedes: uma emboscada que assassinou lideranças e escravizou sobreviventes.

Os poucos que escaparam fugiram para o Brasil e a Argentina, onde seguiram perseguidos. Muitos foram mortos por caçadores a serviço de estancieiros, que recebiam recompensas ao apresentar orelhas de Charrua como prova.

Alejandro Arnutti

LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 60 x 60 cm



Alejandro Arnutti
**A MAJESTOSA NATUREZA
VENHO SE EXIBIR OU SE
VINGAR?**

2025

[série *O que restou dos
Charrua?*]

Óleo sobre tela,
90 x 150 cm

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Durante a colonização, os Charrua reagiam à invasão de suas terras com os “malones”: ataques surpresa contra estâncias e povoados, nos quais matavam inimigos e tomavam gado e mulheres.

A estratégia era puro silêncio e ilusão. Aproveitando a neblina das manhãs de inverno, cavalgavam deitados ao lado dos cavalos, com as lanças rente ao chão, invisíveis à distância. Para o colonizador, parecia apenas uma manada livre atravessando o campo. A obra captura esse instante ambíguo: beleza ou ameaça? Quando percebiam, já era tarde. O que parecia um presente da paisagem era, na verdade, o último golpe — um ataque disfarçado de horizonte.



Alejandro Arnutti
VIGIANDO O TERRITÓRIO
2025
[série *O que restou dos Charrua?*]
Óleo sobre tela
60 x 90 cm

Depoimento sobre a obra “Vigiando o Território”

Nos tempos da colonização os índios Charrua tinham por hábito ficar em pé em cima do cavalo para assim estender seu campo de visão, mas não faziam isso somente quando o cavalo estava estático (como costuma se pensar), mas também com o cavalo em movimento. Outra peculiaridade da época era o uso de peles de leopardos e veados como montaria, já que os ovinos ainda não haviam sido introduzidos nesta região da América.



Alejandro Arnutti

EL MALÓN

2026

óleo sobre tela

34 x 150 cm



Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.



Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM PAISANO, 2026

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.

Depoimento sobre a série “a solidão na imensidão”

A série é o resultado de viagens do artista a estâncias longínquas no interior do Pampa, acompanhando o cotidiano solitário desses paisanos — capatazes e peões que vivem isolados, encontrando suas famílias apenas uma vez por mês. Resistindo à padronização da globalização, eles mantêm vivos os hábitos regionais. Seus descendentes, porém, já não aderem a essa vida, contribuindo para o gradual desaparecimento dessa cultura.



Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM PAISANO 2, 2026

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm.

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Cerro do Jarau”

A paisagem da obra nasce de uma fotografia do Cerro do Jarau — cratera de meteorito às margens da BR-377, cenário que atravessa minha memória desde a infância. A vegetação é o Pampa nativo, ainda preservado.

Foi ali que o IBAMA registrou um raro gato-palheiro, hoje monitorado por colar. Com cerca de 80% do habitat perdido e uma população estimada entre 35 e 50 indivíduos nos três países do Pampa, ele surge na pintura à direita, acompanhando o gaúcho, atento e desconfiado diante de quem observa.

Na água, um eco: dois gaúchos refletidos, citação direta a Los Dos Caminos, de Juan Manuel Blanes — um convite silencioso a olhar para trás e reconhecer o que ainda resiste.



Alejandro Arnutti
**IMAGEM CAPTADA POR
ARMADILHA FOTOGRÁFICA NO
CERRO DO JARAU, 2024**

óleo sobre tela, 60 x 90 cm
*Prêmio Aquisitivo no LXX Salão de
Belas Artes de Piracicaba/SP*

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Rincón de los Yaguarí”

O “Rincón de los Yaguarí” é uma estância localizada no município de Rivera, no Uruguai, onde são preservadas as tradições de manejo do gado na pastagem nativa do Pampa, preservando assim a biodiversidade deste bioma, além de preservarem tradições e costumes da cultura Gaúcha.

Alejandro Arnutti

**IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA
NO RINCÓN DE LOS YAGUARI, 2024**

óleo sobre tela, 50 x 50 cm



Alejandro Arnutti
EL ENTREVERO
2026
[série A Nação
Pampa]
óleo sobre tela
144 x 263,5 cm



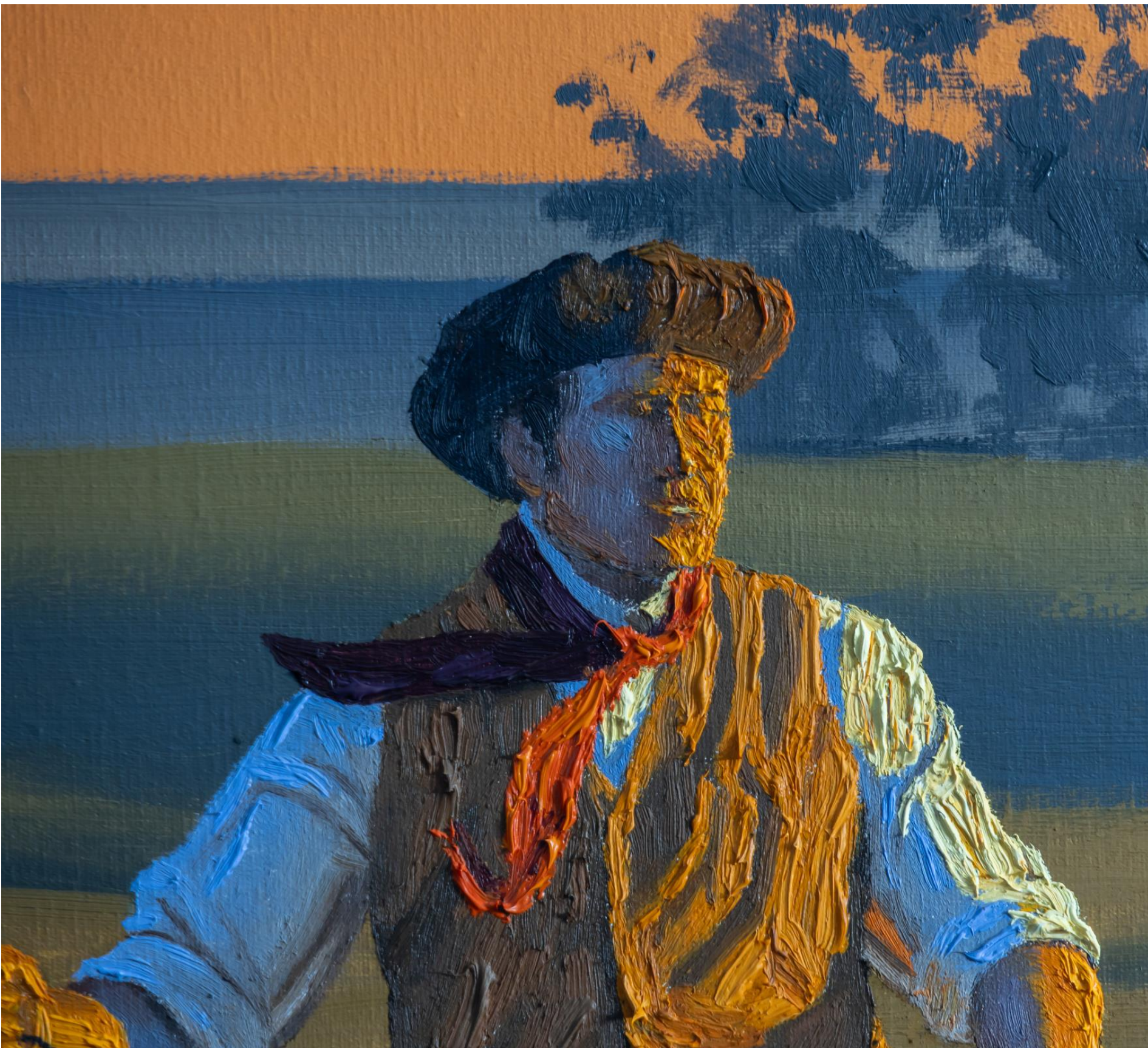
Alejandro Arnutti
EL ENTREVERO
Detalhe



Alejandro Arnutti
UMA JANELA PARA O PAMPA
2025
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
145 x 210 cm



Detalhe da obra da
página anterior



Detalhe da obra da
página anterior



Alejandro Arnutti
GAÚCHO NA MANGUEIRA
2021
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
UM CALOR DE DERRETER, 2017
[série *A Nação Pampa*]
Pastel seco sobre MDF, 60 x 70 cm



Alejandro Arnutti
RONDA DE FOGO E GAITA
 2021
 [série *A Nação Pampa*]
 óleo sobre tela
 50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
ENTARDECER
 2021
 [série *A Nação Pampa*]
 óleo sobre tela
 100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
TOCANDO A BOIADA,
2018
[série A Nação Pampa]
óleo sobre tela
200 x 320 cm



Alejandro Arnutti
MERINO ENVOLTO NA POLVADEIRA
 2017
 [série *A Nação Pampa*]
 óleo sobre tela
 50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
SERVINDO O ASSADO
 2017
 [série *A Nação Pampa*]
 óleo sobre tela
 70 x 50 cm



Alejandro Arnutti
O REFRESCO DA LAGOA
2017
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
100 x 150 cm



GINETEADA
2013
[série *A Nação Pampa*]
óleo sobre tela
110 x 140 cm

... Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti.

Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnífica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguaio e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalhadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbre inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magníficas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.

O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.

Assim penso.

Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel

escritor

2022

inacabados

Nesta série, o artista investiga o diálogo entre óleo e acrílico, bem como entre o figurativo e o abstrato. Fragmentos das composições surgem finalizados em diferentes estágios e camadas, enquanto trechos da primeira imprimação — com pinceladas soltas e abstratas de tinta acrílica — permanecem à mostra, interagindo com o realismo minucioso construído em tinta a óleo.

Busca-se, assim, um campo de tensão e ressonância: o movimento e o dinamismo formais ecoam o ímpeto das cenas representadas. A pincelada livre e vigorosa espelha o esplendor muscular, a força em explosão dos gaúchos e dos animais retratados, instaurando um ritmo visual que oscila entre a sugestão e a precisão.



Alejandro Arnutti
PALETEADA, 2020
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
100 x 150 cm



Alejandro Arnutti
COLORADO MALACARA, 2017
 [série *Inacabados*]
 óleo sobre acrílica sobre tela
 80 x 60 cm



Alejandro Arnutti
TELMO DE LIMA FREITAS, 2017
 [série *Inacabados*]
 óleo sobre estopa
 110 x 100 cm



Alejandro Arnutti
PAISANO E SEU PALHEIRO, 2018
 [série *Inacabados*]
 óleo sobre acrílica sobre tela
 60 x 80 cm
 Coleção particular de Maria Inês
 Menezes e Mano Menezes



Alejandro Arnutti
JOGO DE TRUCO, 2018
 [série *Inacabados*]
 óleo sobre acrílica sobre tela
 50 x 70 cm



Alejandro Arnutti
COLHENDO OVOS, 2017
[série *Inacabados*]
óleo sobre acrílica sobre tela
50 x 70 cm

Na obra de Alejandro Arnutti, paisagem nunca é cenário.

O Pampa surge como presença viva — um território que guarda modos de existir, gestos cotidianos, memórias coletivas e formas de pertencimento que atravessam gerações.

Sua pintura nasce da observação atenta do Sul e da relação profunda entre corpo e paisagem. O horizonte aberto, a figura do peão, os animais, os ritmos do campo e a atmosfera do território aparecem como linguagem para falar de algo maior: identidade.

Em suas obras, o humano não ocupa a natureza.

Ele pertence a ela.

Alejandro constrói imagens onde o tempo parece desacelerar. Existe silêncio, permanência e uma atenção delicada àquilo que resiste às transformações do mundo contemporâneo. O campo deixa de ser geografia e torna-se memória compartilhada.

Dentro de Mente & Coração, seu trabalho ocupa o momento em que o visitante reencontra suas origens — compreendendo que identidade não é algo fixo, mas um vínculo contínuo entre lugar, experiência e imaginação.

Porque todo território verdadeiro continua existindo dentro de quem o carrega.

E talvez seja isso que chamamos de pertencimento.

Davi dos Anjos

Curador

2026



Alejandro Arnutti
Retomada de Uruguiana na Guerra do Paraguai
2014/2015
óleo sobre tela, 305 x 735 cm
Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguiana/RS, exposta em forma permanente no seu Salão Nobre

Depoimento sobre a obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai”

A obra “Retomada de Uruguaiana na Guerra do Paraguai” representa um dos momentos históricos mais importantes dessa que foi a maior guerra da história da América do Sul. O instante representado nela mostra a presença de várias figuras que marcaram a história do Brasil e estiveram presentes em Uruguaiana-RS nesse 18 de setembro de 1865 tais como o Imperador Dom Pedro II, seus genros Conde D’Eu e Duque de Saxe (também é o autorretrato do artista), Duque de Caxias, Tamandaré, Bento Martins, Conde de Porto Alegre, Floriano Peixoto, David Canabarro, Bartolomé Mitre (Presidente da Argentina) e Venancio Flores (presidente do Uruguai). A obra foi inaugurada em 2015 no aniversário de sesquicentenário do evento, e permanece exposta em forma permanente na parede central do Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Uruguaiana-RS.

O exército paraguaio, por ordem do seu presidente Solano Lopes, avançava sobre os territórios brasileiro e argentino. 5.000 soldados de cada lado do rio Uruguai desciam do Paraguai em direção ao Uruguai, saqueando as cidades por onde passavam, e deixando um rastro de destruição, estupros e mortes da população de ambos os países, até ser cercado em Uruguaiana pelas tropas do exército da Tríplice Aliança (união dos exércitos brasileiro, uruguaio e argentino), onde, após longo período de negociação, decidiu se render e assim foi evitado um grande derramamento de sangue. A partir desse momento o exército paraguaio parou de avançar e passou a retroceder ao seu país gradativamente, até perder a guerra em 1870.

esculturas



Alejandro Arnutti
O Gaúcho, o Cavalo Crioulo e o Gado, 2022
Resina, pastas metálicas e base de madeira
35 x 35 x 36 cm, peça única



Crioulo Baio Ruano

2019

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e
mármore

57 x 35 x 32 cm, peça única



Crioulo Oveiro Colorado

2016

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e
mármore

52 x 35 x 33 cm

peça única



Touro Angus, 2017

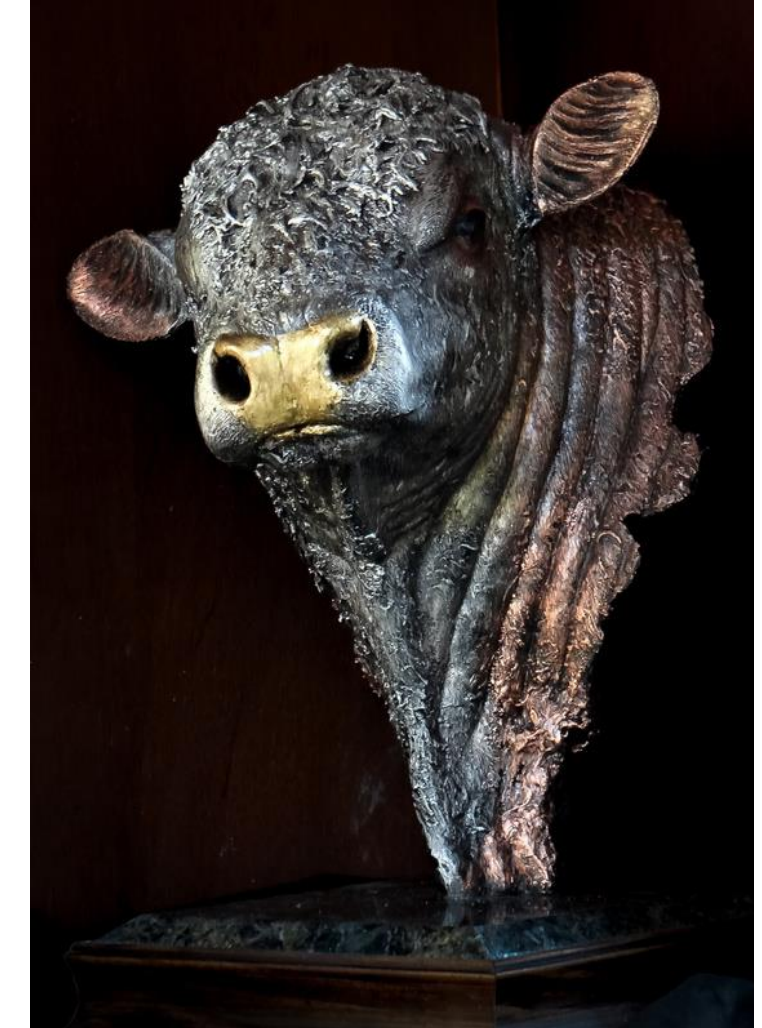
Resina, pastas metálicas e base de
madeira e mármore

45 x 30 x 30 cm, peça única

Touro Hereford, 2017

Resina, pastas metálicas e
base de madeira e mármore

52 x 35 x 33 cm, peça única



currículo

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS]

Exposições Individuais

2022 – "Estância da Arte" – Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil
2018 – “Encantos dos Pampas” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2018 – "Pampa Além Fronteiras" – Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil
2017 – “A Gênese do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “A Alma do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil
2016 – “El Gaucho del Pampa”- La Barra - Punta Del Este – Uruguai
2014 – “Recuerdos del Pampa” – ALARTE, Montevideú, Uruguai

Exposições Coletivas

2025 - LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP
2013 – Expo Punta Arte Internacional, Punta del Este/Uruguai
2013 – Mostra 100 x 100 Arte Ítalo-argentino, Salerno/Italia

Formação

2025/2026 - Acompanhamento Trem, com Fernando Soares
2022 - Curso de fotografia documental com Tadeu Vilani e Guto Oliveira
2015 - Curso de escultura de figura humana com Alex Oliver - São Paulo/SP
2012 - Curso de pintura de paisagem com Alexandre Reider

Obras em Acervos Públicos

2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP
2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)
2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quaraí/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)
2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios

2025 - “Prêmio Aquisitivo” LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.
2021 - "Prêmio Trajetórias Culturais" - Instituto Trocando Ideia, Porto Alegre/RS, Brasil.
2013 - Primer Prêmio – “Encuentros del Arte Contemporáneo”, Punta del Este/Uruguai.

Publicações Importantes

2023 – Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO
2022 – Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO
2022 - "Espaço Cultural leva Arte Campeira a Expointer" - Jornal O Sul
2018 – Jornal “Zero Hora”, Porto Alegre/RS – Brasil
2018 - "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)



Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com

+55 (55) 99918-9712

[@alejandroarnutti](https://www.instagram.com/alejandroarnutti)

www.alejandroarnutti.com